

GT Histórias invisibilizadas

Curso – A Hospedaria de Imigrantes e os tijolos do racismo estrutural no Brasil

1. Apresentação

O Museu da Imigração do Estado de São Paulo está localizado nas instalações da antiga Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887-1978), que durante 91 anos acolheu e abrigou migrantes nacionais e internacionais que chegavam ao estado de São Paulo. São múltiplas as narrativas que ecoam e que foram trazidas por milhares de pessoas, histórias de diversos grupos sociais que vieram de terras distantes e, durante o processo de deslocamento, relataram as condições de viagem, suas primeiras impressões sobre o Brasil e as dificuldades encontradas para se adaptarem às novas condições de vida e de trabalho.

A construção da Hospedaria foi iniciada em 1886 e tinha como objetivos abrigar e distribuir migrantes internacionais pelo interior de São Paulo e, assim, garantir o abastecimento de mão de obra para as fazendas paulistas. Não são raras as indagações do público visitante do Museu quanto aos interesses motivadores desse empreendimento: “quem financiou a construção deste local?”, “por que um prédio tão grande como este foi construído para receber imigrantes?”, “faltava tanta mão de obra no estado a ponto de precisar construir esta Hospedaria para receber os que vinham de fora?”

Em 1887 a Hospedaria iniciou suas atividades, mas a inauguração ocorreu de fato em 1888, mesmo ano da assinatura da Lei Áurea, relação que não ganha protagonismo, mas que explicita o vínculo evidente que existe entre este edifício monumental, marco e materialidade das políticas migratórias do período, e o fim da escravidão no Brasil, após três séculos de vigência.

Para compreender o fenômeno da “Grande Imigração” no Brasil, é preciso considerar múltiplos contextos: o circuito de deslocamentos populacionais que marcou profundamente países da Europa, América e Oceania nas últimas décadas do século XIX e primeiras do XX; os interesses por expansão de áreas cultiváveis, que ampliava a procura por mão de obra; os projetos de manutenção de fronteiras, a partir da ocupação de terras e colonização; assim como no campo das identidades, a construção da imagem do Brasil e dos brasileiros no óbice do regime escravista.

Desse modo, deslocado do centro da discussão, o papel do racismo estrutural no curso das migrações no Brasil é subdimensionado, invisibilizando o ponto de encontro entre a história

desses deslocamentos populacionais majoritariamente europeus e aquelas indagações mencionadas anteriormente sobre as razões de ser da Hospedaria: o branqueamento como norma, gestada científica e politicamente.

A Hospedaria funcionou até 1978 e no mesmo ano foi dado início o processo de seu tombamento, no âmbito estadual. Como justificativa, a evidente importância das migrações na construção de São Paulo e de como o edifício e os arquivos materializavam e tornavam-se memória desse processo. A efetivação do tombamento pelo Condephaat aconteceu em 1982, e em 1986, foi criado o Centro Histórico do Imigrante, ainda funcionando junto a serviços de assistência social que nunca deixaram de ser realizados no centenário edifício¹. O Museu da Imigração foi criado somente em 1993, com o intuito de celebrar as memórias e as contribuições migrantes em São Paulo, a partir da história da Hospedaria de Imigrantes do Brás.

Por meio de ações de preservação, pesquisa e acesso público aos arquivos da Hospedaria, do relacionamento com comunidades de migrantes e descendentes, resultando na formação do acervo da instituição e na elaboração de programação cultural, com destaque para a Festa do Imigrante que em 2020 completa 25 anos de história, o Museu da Imigração/Memorial do Imigrante firmou-se referência em seu campo de atuação no Brasil².

A partir de 2010, com o fechamento para obras de restauro e posterior reabertura em 2014, o Museu vem passando por um reposicionamento de seus conceitos e objetivos, de modo a abarcar um espectro cada vez mais abrangente de experiências vinculadas aos deslocamentos humanos em nosso país. A maior proximidade com instituições e coletivos, bem como o posicionamento ativo que assume frente a ausências e violações de direitos para migrantes no Brasil, comunicados ao público principalmente por meio de exposições e seminários, marcam esse novo compromisso e papel sociais.

Porém, mesmo estando imerso nas estruturas sociais mais amplas da sociedade, o Museu havia apenas tangenciado em suas ações e produções o racismo estrutural, motor da nossa história e formador da nossa identidade, fato fundamental para compreendermos o fenômeno migratório enquanto política de Estado e suas implicações em subjetividades e dinâmicas sociais ainda hoje.

¹ Atualmente, o edifício é compartilhado entre o Museu da Imigração e o Arsenal da Esperança, instituição que abriga diariamente 1200 homens em situação de vulnerabilidade social, dentre os quais também migrantes internacionais e solicitantes de refúgio. O edifício foi tombado também no âmbito municipal em 1991.

² Entre 1998 e 2010, o Museu da Imigração integrou o Memorial do Imigrante (junto com o Centro de Pesquisa e Documentação, o Núcleo Histórico dos Transportes e o Núcleo de Estudos e Tradições), designação pela qual ainda é muito lembrado pelo público.

Assim, é fundamental neste momento, em que se abre uma janela de debate no Brasil e no mundo, fazer a autocrítica para que seja possível identificar se a instituição e seu recorte histórico contribuíram para a consolidação do racismo estrutural presente em nossa sociedade, considerando as partes não contadas de nossa história³.

Nessa chave, formamos neste ano um grupo de trabalho interno (GT Histórias invisibilizadas), com a presença de profissionais de vários setores da instituição, com o objetivo específico de estabelecer ações e promover reflexões sobre as questões raciais e suas múltiplas relações com as migrações no Brasil.

O curso aqui proposto é o primeiro resultado desse GT e apresentará ao público do Museu o problema que estamos nos impondo enfrentar. Serão realizadas, semanalmente, mesas de debate, de maneira totalmente virtual. Ao todo, serão 5 encontros, segundo temáticas pré-estabelecidas.

2. Estrutura do curso

Abertura (12/11) - Fala inaugural do Museu da Imigração – GT História invisibilizadas

Mariana Martins – Coordenadora Técnica do Museu da Imigração

Mesa 1 (18/11) – O problema da raça

Convidados: Matheus Gato de Jesus, Márcio Farias e Casé Angatu Xukuru Tupinambá

Mediação: GT Histórias invisibilizadas – Cecília Gonçalves Gobbis

Horário: 18h às 21h (3h)

Abertura mediação: 5 a 10min

Tempo para cada fala: 40min

³ Em decorrências das recentes manifestações antirracistas pelo mundo, o Conselho Internacional de Museus (ICOM) reforça que “os museus não são neutros. Eles não estão separados de seu contexto social, das estruturas de poder e das lutas de suas comunidades. E quando parece que eles estão separados, isso é uma escolha - a escolha errada. Como instituições de grande confiança em nossas sociedades, os museus têm a responsabilidade e o dever de combater a injustiça racial e o racismo em todos os níveis, desde as histórias que contam até a diversidade de seu pessoal”.

Intervalo após apresentações: 3 a 5min

Debate e questões: 40min

Serão discutidas as origens e a influência das teorias raciais no Brasil, bem como a construção das resistências pelos intelectuais e movimentos negros e indígenas. Com isso, pretende-se primeiro abordar a transformação ocorrida de um discurso pseudocientífico para outro já depurado pela ideia de que no Brasil há uma democracia racial. Na presente proposta, entende-se como o “problema da raça” esse enquadramento das questões nacionais inspirado nas teorias racistas do século XIX, mas que segue uma trajetória própria no Brasil. Outros aspectos fundamentais são os escritos, mobilizações e demais outras formas de expressão dos intelectuais e movimentos negros e indígenas, que resistindo ao lugar hegemônico desde o qual eram operadas essas teorias, nunca deixaram de endereçar suas críticas a elas, educando e disputando a sociedade.

- Em quais momentos históricos é possível identificar a importância das teorias raciais no Brasil? Quais teorias eram e como impactam no debate nacional e na vida institucional?
- Em quais momentos históricos é possível identificar os escritos, as mobilizações e outras formas de expressão de intelectuais e movimentos negros e indígenas que resistiam a essas teorias e as dinâmicas sociais por elas influenciadas?

Mesa 2 (25/11) – O pós-abolição

Convidados: Ramatis Jacino e Carlos Eduardo Coutinho

Mediação: GT Histórias invisibilizadas – Raquel Freitas/ Luis Gregório

Horário: 18h às 21h (3h)

Abertura mediação: 5 a 10min

Tempo para cada fala: 40min

Intervalo após apresentações: 3 a 5min

Debate e questões: 60min

Serão abordados dois temas que se relacionam diretamente com o contexto de criação e funcionamento da Hospedaria de Imigrantes do Brás: a transição do trabalho escravo para o trabalho livre e as migrações internas no pós-abolição. Com isso, pretende-se primeiro oferecer

um panorama das condições de vida do povo negro nesse período no Brasil. Outro aspecto de interesse são as estratégias de deslocamento geográfico acionadas por esses sujeitos nesse contexto histórico de intensa transformação. Focalizando o debate em torno do mercado de trabalho e de seus condicionantes econômicos e políticos, buscar-se-á uma compreensão sobre os limites e as possibilidades de mobilidade social colocadas a essa população.

- Qual era a condição de vida do povo negro no período do pós-abolição? Como essa condição de vida se vinculava ao trabalho e suas transformações decorrentes da abolição do trabalho escravo?
- Quais eram as estratégias dessa população frente às barreiras de cor impostas e como os deslocamentos geográficos se relacionam com elas?

Mesa 3 (02/12) – Construção de um país mestiço

Convidados: Henrique Restier, Luma Prado e Petrônio Domingues

Mediação: GT Histórias invisibilizadas – Thiago Haruo Santos

Horário: 18h às 21h (3h)

Abertura mediação: 5 a 10min

Tempo para cada fala: 40min

Intervalo após apresentações: 3 a 5min

Debate e questões: 40min

Propõe-se problematizar a ideia de Brasil como país mestiço, discutindo a mestiçagem como violência, pelas perspectivas das populações indígenas e negras, bem como o branqueamento como “projeto” para o Brasil. Conceitos como os de genocídio ou mesmo etnocídio poderão ajudar a entender tal projeto de extermínio físico e cultural levantado contra essas populações. Nesse sentido, um aspecto que ganha centralidade na análise são as diversas relações de exploração - sexual, econômica, de recursos - que sustentam essa visão da mestiçagem como um resultado de uma interação harmônica entre o “branco”, o “negro” e o “indígena”.

- Quais relações de violência e de exploração, do passado e da atualidade, foram e ainda são encobertos pela noção de que haveria um suposto processo harmônico de mestiçagem no Brasil?

- Como operam os apagamentos físicos, culturais e epistêmicos de negros e indígenas a partir do discurso da mestiçagem?

Mesa 4 (09/12) – Mito da democracia racial⁴

Convidados: Gislene Santos e Juarez Tadeu de Paula Xavier

Mediação: GT Histórias invisibilizadas – Letícia Brito de Sá

Horário: 18h às 21h (3h)

Abertura mediação: 5 a 10min

Tempo para cada fala: 40min

Intervalo após apresentações: 3 a 5min

Debate e questões: 60min

Propõe-se um debate sobre como a ideia de que no Brasil há uma democracia racial foi contestada de diversas formas, bem como suas repercussões negativas na atualidade. Interessa, nesse sentido, ver tanto as diversas transformações atravessadas por essa ideia na história, assim como as contestações que as acompanharam. As migrações, tanto internas como as internacionais, incorporam a essa pretensa democracia racial novos elementos para sua reconfiguração. Nesse sentido, sua dimensão vinculada a projetos nacionais também importa para o nosso debate.

- Por quais transformações históricas passou a ideia de que o Brasil é uma democracia racial?
- Quais foram as contestações que surgiram em momentos específicos da história nacional?
- Como esse debate se vincula com uma discussão de projetos nacionais?

⁴ A expressão "mito da democracia racial" está sendo utilizada neste contexto seguindo uma tradição crítica de intelectuais e movimentos negros, que buscaram desmontar a falsa imagem de uma convivência harmônica entre as supostas três raças que formaram o Brasil, e que se pretende, no curso, contextualizar e problematizar. Com tal expressão, tratamos de uma ideologia dos brancos e dominante em nosso país. Contudo, é preciso reconhecer que, à luz de novas epistemologias decolonizadas, que partem do ponto de vista de muitos povos originários, mito é uma forma de produção de conhecimento válido sobre a realidade, tornando a expressão "mito da democracia racial" mais próxima à ideia de "fabulação da democracia racial". Agradecemos o Professor Juarez Tadeu de Paula Xavier por nos alertar a esse respeito.

Fechamento (10/12) – Roda de conversa sobre o racismo no Brasil no âmbito das migrações contemporâneas – Parte da programação do programa “Sonhar o Mundo 2020”.

Mediação *GT Histórias invisibilizadas* - Guilherme Ramalho

A mesa de encerramento terá como tema principal o impacto dos vários níveis de racismos - individual, institucional e estrutural - para as migrações internacionais na atualidade. Sendo o racismo um sistema que se transforma historicamente, que se molda a determinantes econômicos e culturais, é de interesse entender como esse aspecto estruturante da sociabilidade no Brasil é vivenciado por diferentes grupos de migrantes. A intersecção entre gênero, classe e raça, é fundamental para essa compreensão. Ademais, propõe-se conhecer como diferentes ancestralidades e pertencimentos, sejam eles étnicos ou nacionais, são retomados por esses sujeitos, dando suporte e constituindo novas fontes de questionamento e resistências.

- Como se configuram os diferentes níveis de racismos na atualidade, visto a partir das experiências migrantes?
- Quais são as referências ancestrais ou de pertencimento étnico/ ou nacional envolvidos em processos de resistência dos grupos racializados?
- Quais são as estratégias inventadas por esses coletivos no processo de questionamento e construção de resistências?